

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

FOLCLORE.

(sem indicação de autor)

Ano: 1905 | Número: 22

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Folclore. *Revista de Guimarães*, 22 (3-4) Jul.-Dez. 1905, p. 153-160.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

FOLKLORE

Natal. — Em Pedralva, Santa Leocadia (arredores da Citanía) e provavelmente n'outras partes mais, na noite do Natal é costume pôr fóra da porta de casa, á meia noite, um prato com bocados de todos os comestiveis da festa. É para as almas. Mas é preciso que ao dar da meia noite e ao pôr do prato se leve uma luz; do contrario as almas não vêm comer.

É facil vêl-as entrar em fôrma de borboletas; brancas as que estão em bom logar, pretas as que estão em mau.

Na aldeia para conhecer a meia noite espera-se pelo cantar do gallo, que n'aquella noite só canta á meia noite em ponto. Fóra d'esse dia ha gallos que cantam a outra hora; mas cantando a hora certa são tão estimados que muita vez, quando se quer comprar algum d'estes, a dona responderá: Ah! isso não vendo; é muito certo » (no canto).

(Colligida por F. Martins Sarmiento. — Caderno n.º 45, pag. 115).

*

A alma durante o somno. — Andavam a trabalhar dous pedreiros no concerto d'uma levada e nas horas do descanso um d'elles adormeceu. O outro não e reparou que quando o companheiro pegou no somno um pequeno sardão lhe sahiu pela boca fóra.

Como o facto não tivesse importancia em relação ao dormente visto que o bicho sabia, o pedreiro deixou correr as cousas, mas teve curiosidade de vêr o que fazia o sardão.

Seguiu elle para o lado do rio, atravessou umas alpondras que levavam para a outra margem, mas, parando aqui, assustando-se ao pé dos moinhos e tambem quando se approximava da agua; mas lá foi andando o seu caminho; voltando depois pelas alpondras e vindo emfim metter-se na boca do dormente. Mal entrou, este acordou e contou ao companheiro que tinha tido um sonho muito afflictivo.

O que elle sonhara era precisamente o que poderia sentir o sardão no seu passeio, — mêdo de cahir ao moinho, á agua, da pontesella abaixo, etc.

Em summa: quando a gente dorme, a alma sahe-lhe do corpo e corre certas peripecias, que atormentam ou delicias o corpo consoante são agradaveis ou desagradaveis.

N. B. — Já tinha ouvido contar esta mesma historieta, mas com menos episodios.

(Idem, pag. 116).

*

Oração contra o pezadello:

S. Bartholomeu me disse
Que me deitasse e dormisse
Sem mêdo da onda,
Nem do homem da má sombra,
Nem do velhaco pezadello,
Que tem a mão virada
E a unha revirada.

Variante:

S. Bertholomeu me disse
Que me deitasse e dormisse
Sem mêdo ao mar ou á onda,
Ou ao homem da má sombra,
Nem do velhaco pezadello,
Que tem a mão furada
E a unha revirada.

(Idem, pag. 137).

*

Padre-Nosso pequenininho :

Padre-Nosso pequenininho,
 Pelo monte vae rugindo,
 Sete candeias a arder
 Sete meninos a lèr
 Nosso Senhor meu padrinho,
 Nossa Senhora minha madrinha,
 Fez-me uma cruz na testa
 P'ró inimigo me não impecer,
 Nem de noite, nem de dia,
 Nem ao pino do meio dia.
 Já os gallos cantam,
 Já os anjos se levantam,
 Já o Senhor subiu p'ra cruz,
 Vida eterna, amen Jesus.

Variante :

Padre-Nosso pequenininho,
 Sete anjinhos vão commigo,
 Sete candeias állumiar,
 Sete livrinhos a rezar.
 Nosso Senhor é meu padrinho,
 Nossa Senhora é minha madrinha,
 Quem me fez a cruz na testa
 P'ra que o demonio me não impeça,
 Nem de noite, nem de dia,
 Nem ao pino do meio dia.
 Já os gallos cantam,
 Já os anjos se levantam,
 Já o Senhor á cruz subiu,
 P'ra todo sempre, amen Jesus.

(Idem, pag. 138, papel avulso).

*

Lume.—Não se devem tirar as tripas ao lume, porque é dar penas ás almas do purgatorio.

As tripas do lume vem a ser a lenha, ou aparas candentes, mas conservando ainda um resto de chamma. Esta chamma quasi expirante é azul. Quando ella cessa, a lenha consumida vae-se «esborralhando» por si mesmo e acabaram as tripas. (Idem, pag. 113).

*

O coração do *lume* são as brasas centraes do lar. Quem as tirar tira a vida ao lume, mata-o, porque d'ahi a pouco elle apaga-se por si. É por isso que, quando alguém vem pedir lume a uma casa, a dona recommenda sempre que só lhe tirem as bordas. (Idem, idem).

*

O *lume* que se accende na vespera de Natal, quanto mais durar mais fortuna é para a casa. Por isso não se apanha do lar e ha quem o vá alimentando por alguns dias successivos. Esse tal dirá com satisfação aos visinhos que ainda tem lume do Natal. (Idem, pag. 114).

*

Dominha.—Para a expulsar d'uma freguezia onde ella faz mal, basta casal-a. Como se não sabe se ella é femea, se macho, previne-se qualquer das hypotheses. « Caso-te com fulano, ou fulana, de tal freguezia ». Dizem-se os nomes, que devem ser de viuvos ou viuvvas e de freguezia extranha.

Depois accrescenta-se:

« Que tu para longe vás
E nunca mais aqui has de tornar
Senão o vento te ha de levar. »

(Idem, pag. 117 e 120).

*

Missã dos defunctos.—Uma rapariga, que tinha de fazer um trabalho agricola de madrugada em dia de missa, procurou a missa logo que se levantou. Passando por uma igreja viu-a aberta e cheia. Entrou, tomou logar; mas extranhou que as mulheres, que lhe ficavam proximas, dissessem umas para as outras: « Cheira aqui a folego vivo ». Uma d'ellas ap-

proximou-se e disse-lhe: «Vae-te embora e não olhes para traz. O que te valeu foi teres ajoelhado sobre a campa da tua madrinha».

Era a alma da madrinha que lhe veio valer. (Idem, pag. 119).

*

Ratos e mais bicharia.— Para os afugentar d'um quintal usa-se da oração seguinte, recitada por uma virgem chamada Maria, que ao nascer do sol, com um ramo d'oliveira na mão, ha de dar tres voltas ao redor do quintal, dizendo :

« Eu 'scorraço-te d'aqui,
E o sol d'alli ;
Não tornes aqui
Que a Virgem Maria
Vae atraz de ti. »

(Idem, pag. 120).

*

Raposa.— Para livrar os campos da raposa, que ella infesta à espreita das gallinhas, ha a seguinte receita : No sabbado d'alleluia, ao tocar o sino que a annuncia, corre-se tres vezes o campo e diz-se de cada vez :

« Vae, vae, raposa
P'ró sol do monte ;
Que lá 'stão as moirinhas,
Que dão agua da fonte. »

(Idem, pag. 137).

*

Noite de S. João.— Para evitar que os renovos sejam roubados o proprietario n'esta noite vae deitando manadas de sal por entre elles, dizendo :

« Quem estes renovos vier furtar,
Os grãos d'este sal ha de contar. »

(Idem, pag. 137).

*

Nevoeiro maligno.— Aparece na primeira sexta-feira de agosto, de manhã. Onde assenta são certas as molestias pelo anno adiante. Contra elle fazem-se na vespera á noite defumadouros com alecrim. (Cad. n.º 47, pag. 6).

Tambem é remedio queimar rama de pinheiro ao nascer do sol, dizendo a seguinte oração:

« O nevoeiro d'agosto
de maligna me vem matar,
mas o fumo do pinheiro
não o deixa cá entrar,
o sole nado na serra
a virtude lhe vem dar. »

A rama de pinheiro queima-se no lar. (Idem, pag. 18).

*

Bruxas. A poça de Lessa, freguezia de Mascotellos, é habitada pelas bruxas. Um sujeito d'aquelles sitios, que se pôz a desafial-as, ouviu-as; a familia da casa aconselhou-o a fechar a janeila, o que elle fez; mas, mal tinha fechado a janella, sentiu que contra ella fôra arrojada alguma cousa.

Viu-se no dia seguinte que era o restello das bruxas.

É de notar que o restello nunca se vê, mas apenas as mossas dos dentes d'elle impressas na madeira. Tambem só se vêem luzes; vultos de bruxas não.

A vingança das bruxas não ficou aqui: Na noite seguinte o homem teve de sahir e andou perdido, atravessando rios *sem se molhar*, e pontes, e só quando começou a vir o dia é que viu onde estava. Estava ao pé do Sameiro. (Idem, pag. 8).

*

Bruxas (conto).— Eram dous rapazes, cada um dos quaes conversava a sua rapariga e, como ellas eram irmãs e viviam na mesma casa, elles iam sempre de companhia. Repararam

em que as conversadas achavam desculpa para lhes não fallar às terças e sextas-feiras, e, para descobrir o segredo, na primeira terça-feira poderam subir ao telhado da casa e pelas fendas das telhas vêr o que se passava dentro. A certa hora da noite ellas lavaram-se e começaram a comer umas papas, quando entrou um carneiro (era o diabo) a balar «mé» — «Deixemos as papas que temos tempo d'ir ao Rio de Janeiro e vir a tempo». E, supposto a porta estivesse fechada á chave, ellas e o diabo desapareceram pela fechadura.

Os rapazes desceram; deitaram nas papas uma pouca da agua em que ellas se tinham lavado, e que, por causa dos unguentos com que primeiro se tinham untado, era envenenada; e voltaram para o seu ponto d'observação.

Passado não muito tempo as duas bruxas estavam de volta com uma creança de poucos annos. Consultaram-se se haviam de comer a creança antes ou depois das papas e decidiram em comer as papas primeiro. Mas, comidas as papas, cahiram para o lado mortas.

Soube-se que a creança tinha sido roubada no Rio de Janeiro, porque, faltando de casa, os paes procuraram por toda a parte, e, combinadas as noticias do que se passou em Portugal, vieram dar com ella, mas tantos annos depois que um dos rapazes, que tomou conta d'ella, estava em vespéras de a despozar. O pae deu-lh'a com um grande dote. (Idem, pag. 9).

*

Cancioneiro povoense:

Oh! mar, és um cemiterio,
E as ondas um caixão,
A todos queres comer,
Oh! mar, tu és um leão.

As ondas do mar são brancas,
No centro são amarellas;
Coitadinho de quem nasce,
P'ra morrer no meio d'ellas.

Já lá vae pelo mar fóra
Quem cá não póde tornar,
Quem cá fica fica a rir-se
Quem lá vae vae a chorar.

No meio d'aquelle mar
Anda um galeão que é meu,
Filho d'uma galeona,
D'uma nau que á costa deu.

Oh! mar de Christo sagrado,
Quantas almas tens em ti!
Lubaste-me um bem que eu tinha,
Já te vingastes de mim.

(Idem, pag. 62).